

Música de Câmara

James Joyce

Poema I

Cordas da terra e do ar,
fazendo doce música.
Cordas fluidas do rio
ecoam destes salgueiros.

Há música ao longo do rio
destes viajantes amorosos;
As Flores pálidas cobrem
as brunas folhas dos raminhos.

Tocam suaves em tudo,
inclinam-se à música,
acordes vagueiam-se
como num instrumento...

Poema II

A transformação crepúsculo ametista
fundo mais azul profundo,
à luz preenchida do abajur verde pálido
das árvores da alameda.

Soa o velho piano no ar,
brando, tranqüilo, jovial
das teclas amareladas
reclinando-se a cabeça.

Sérios adágios tímidos
vagueiam em seus olhos
atidos brotam crepúsculo azul marinho
da luminosidade da ametista.

Poema III

Naquele instante detêm todas as coisas,
no firmamento o desolado observador,
ouve o vento noturno dos suspiros,
tangidas harpas amorosas reunidas
nos pálidos portões do fascínio??

Quando as coisas cessarem sós
atentas às harpas doces tangidas
do amor. E a noturna aura,
contraporá à antífona,
findando-se esta noite?

Ressoam harpas invisíveis amorosas,
do incandescente céu,
luzes meigas vão e vêm,
fazendo música suave ar
da terra abaixo.

Poema IV

Quando brota à tímida estrela
desconsolada garota
ouve sonolenta
o cantor do portão.
A lívida suave ária do orvalho
veio-lhe visitá-la.

Não cante mais alto
do que está cantarolando,
nem à musa: Poderá ser,
o cantor dizendo-lhe ao coração?
Reconhecer-se-á o canto amante,
sou eu o visitante.

Poema V

Soa da janela,
dourado cabelo,
ouvi-o cantando
no ar alegre.

Cerro livro,
não o leio mais,
olho a dança fogo
florido.

Cerro livro,
cerro livro,
ouvi-lo cantar
em meio a melancolia.

Soa vibrando
o alegre ar,
da janela soa
dourado cabelo.

Poema VI

Serei a doçura do seio,
(tão doce tão justo!),
rude vento algum me iria visitar.
De este triste pesar meu,
far-me-ia tão doce seio.

Seria parte daquele coração,
(Tão meigo tenro exorado!),
concernido apascentada solidez
da inteira doçura só
pertencer-me-ia a este imo.

Poema VII

Meu amor em trajés campestres
das árvores maçãs,
alegres graúdas miradas
fluindo reunidas.

Os ventos alegres a cortejar
destas folhas juvenis a cruzar;
meu amor segue-as sem pressa,
ressoando à sombra da relva;

Da azul taça pálida celeste risonha
terrena segue-a branda,
meu amor vai iluminada
toca-a o vestido em delicada mão.

Poema VIII

No bosque, quem da ornada
água-viva mareada esvai?
Se no alegre bosque
há fazer-se mais risonha.

Há na luz do sol
aclarada dança outonal?
Há delicada luz aurora
de tão virginal?

Todo bosque
dourado tenro fogo atinge aéreo
todo o ensolarado
dos valentes trajés?

Este vero amor é meu
bosquejadas folhas opulentas
este vero amor é
correto e risonho.

Poema IX

Ventos primaveris dançam do mar
dos cumes de anéis,
da espuma adornada
dos arcos pratas abarcando o ar
amor vem de qualquer lugar vê-la?
Welladia! Welladia!
Ventos primaveris!
O Amor infeliz estará ausente!

Poema X

Dos pulcros raios culminantes,
ressoam-se cavos:
brote abrace, abrolhe alegue,
De todos os amores idos consistem
quimeras ao devaneador este não mais
retornará naquela canção daquele riso
sem arranjar quaisquer gestos.

Fluem os retalhos cantados
ele foi o mais audaz;
aos zumbidos selvagens
unindo-se às abelhas.
É temporada de sonhar
findaram-se quimeras -
Do amante outro amante,
amada, venho ao mundo.

Poema XI

Dê adeus, adeus, adeus
desvanecida branda idade,
a cortejar-nos jovial amor
chegou tão feminino
ser tão gentil, sapé
ressoado cabelo.

Quando o nome seu ouvir
das cornetas querubim irá
por meigo a se repartir
do feminino seio meigo
desfazendo a desconfiança
deste sinal tenro casto.

Poema XII

Que ditame a pálida lua causa
minha tímida doce ao espírito
do anoso plenilúnio amoroso,
das estrelares glórias aos seus pés.
Seu receio é similar ao parente sábio
amigo comediante Capuchinho?

É qual sábio ditame divino descuido,
tremulam glória dos olhos seus,
estrelares luminosos.
Ó Mina, Ó Mina!
Não é lunar lágrima nevoada,
minha doce sentimentalista.

Poema XIII

Com toda à cortesia atenha,
diga-lhe chegarei já,
suave brisa
Epithalamium.
Das sombrias terras altas
deste mar distendido
não nos espaçaram-se
nem a mim amor meu.

Agora, com boa cortesia,
brisa arroga-lhe acinte,
ao apoucado jardim
adentre-lhe à janela ressoar:
A nupcial brisa murmurará
amoroso fez-se o meio-dia;
deste vero amor, logo mais
atrelarão breve, breve.

Poema XIV

Minha pomba, minha linda,
abrolhe, abrolhe!
O orvalho noturno jazeu
dos lábios dos olhos meus.

Dos ventos ressoam-se brisas
musicais suspiros:
abrolhe, abrolhe,
minha pomba, minha linda!
Almejada árvore de cedro,
minha irmã, meu amor.
Alvo peito pomba,
irá ser meu leito.

O pálido orvalho jaz velada
minha cabeça. Mais justa,
Minha pomba, Abrolhe-se,
abrolhe-se!

Poema XV

Dos sonhos mais quietos,
abrolha alma minha
deste intenso letargo amor mortal,
das apinhadas árvores suspiradas
anunciam-se alvoradas destas folhas.

Ao leste do plácido amanhecer abrolha
brotados em ardentes fogos meigos,
cintilantes de todos os matizes
destes ternos sapés grises.

Do terno meigo, sigiloso
florido sino matinal
os coros retinem-se destas fadas sábias
princiando (pasmosas!) serem ouvidas.

Poema XVI

É do frescor deste vale.
E ali, amor, nós iremos
num coro cantante do agora
de muitos amores ocorridos.
E não se escutou o melro,
evocar-nos daqui?
Do agradável clima do prado
unir-se-á em nosso amor.

Poema XVII

Ao meu lado voz ecoava
falar-lhe da minha dor,
dentro desta mão eu segurei
sua mão outra vez.

Não há palavra, qualquer sinal
faça reunir -nos
A mim é estranho
fui-lhe seu amigo.

Poema XVIII

Ó Amada ouça-me
minha história amorosa;
se há tristeza no homem
quando amigos mentem-lhe.

Deverá então saber
dos falsos dos amigos
cerzidas palavras
cinzas quando mentirem-nos.

A palavra irá a ele
suave disseminar-lhe
num terno cortejo contido
deste jeito seu de amar.

Sua mão debaixo está
no redondo peito liso;
Assim tristonha deverá
ater-se ao seu repouso.

Poema XIX

Não se entristeça todos os homens
ao anoso glamour significaram:
Amada pacifique se. Em que
poder-lhes-iam desonrar?

Das lágrimas às vidas tristonhas
acariciadas do ininterrupto suspiro.
Orgulhosa responda-os se às lágrimas:
Como elas a negarem, reneguem-os.

Poema XX

Na sombria madeira do pinhal
convosco deitar-me-ei,
Fundo a sombra fresca
do meio-dia do dia.

O deitar-se pode ser afetuoso,
carinho quanto do beijar,
na floresta vasta dos pinheiros
estaremos!

Se dos beijos seus
os mais afetuosos
tecidos macios cabelos
serão suave túmulo.

No bosque dos pinheiros,
do meio-dia pareceram-se
contigo, amando-a doce,
daqui.

Poema XXI

Á quem esvaiu a glória,
nem deparou alma alguma
poderia ser conivente,
Dos inimigos o desprezaram-no
tendo desta nobreza tão anosa, -
O amor servir-lhe-á tão amistosa.

Poema XXII

Desta tão meiga prisão da alma
mais querida estará
dos braços macios querem
em namoro conquistar-me.
Ah, podem braços atrelar
alegres fui-lhe o prisioneiro!

Minha querida, entretidos braços
dos amantes fazem-se trêmulos,
à noite seduziu e alertou-me
nada mais faz ao nos preocupar;
Durma o sono mais amado atrelado
prisioneiro desta alma que fui.

Poema XXIII

Este coração treme junto meu coração
das opulências das minhas esperanças,
A Infelicidade quando a gente aparta-se
Há felicidade num beijo noutra;
esperanças opulências minhas, -sim!
Da extensão da minha felicidade.

Em algum ninho musgoso,
dos rouxinóis poupam tesouros
conservei tesouros dos olhares seus
antes tenham aprendido-se a lamentar.
E não sermos cautelosos,
sobreviverá este amor mais um dia?

Poema XXIV

Silenciosa a pentear-se,
vasto cabelo penteia,
do gracioso silêncio
deste suavizado ar.

Salgueiro ramagem solar
desta grama maculada,
vasto cabelo penteia-se,
na frente deste espelho.

Exoro consinta-os de pentear,
pentear cesse vastos cabelos,
auscultei-lhe proferir da magia
envolto neste lindo ar,

Ao fazerem-se objeto amoroso
muitos dos quais àqueles meigos
ares estão todos lhe ignorar
fui-lhe um negligente.

Poema XXV

Siga meiga, ligeira parta:
sinta no interior aflição,
olvidou-se o sol de muitos vales,
das ninfas risonhas desta presa
ao cultuado ar irreverente montanhês
do ondulante vôo do cabelo seu.

Ligeira, abreviado – assim:
suas nuvens cobrem vales abaixo
dos instantes avocados estrelares
dos servos seus mais humildes;
Riso confesso amores destas canções.

Poema XXVI

Na mais afável à concha noturna,
ansiada senhora orelhas divinas
de deliciosos murmúrios suaves,
dos tons deste temido coração?
De tão distantes rios apressados
cinzentos desertos nortenhos?

De Vosso ânimo, ô minha tímida,
se olhares bem, é como nome
furioso desta canção ressoada
desta hora sombria conjecturável
ressoante por toda à lide
de Purchas a Holinshed.

Poema XXVII

Ainda pensasse em Mitriades
tivesse-vos nado a lançar-vos
dardo venenoso, ainda contido em mim
atingiria desavisado sabido êxtase
de vosso coração, farias confessar - vós
em vossa terna malícia.

Á antiga elegante frase,
mais terna cerraram-se da astúcia;
nem deste elogiado amor tão sábio
nossos poetas serenos exaltaram-se,
nem amores não puderam ser
de tão pouca desta falsidade.

Poema XXVIII

Gentil senhora, não os entoe
canções tristonhas, finais amorosos;
aloque esta tristeza de lado atraindo
este amor decorrido. É o suficiente.

A canção durante o sono intenso
destes amantes mortos.
Na lápide dormir-se-á do amor:
fez-se cá amor exaurido.

Poema XXIX

Ansiado coração, por que me fez assim?
Olhos suaves queridos recriminam-me
ainda admirável nesta formosura sua,
desta que serão em toda à remissão!

Pelo cândido espelho destes olhares,
deste macio grito ao roçarem-se,
abordam desolados ventos estertores
deste obscuro horto do amores feitos.

Em rufo este amor irá ser logo diluído
selvagens ventanias a rugirem conosco -
ansiados amores tão ansiados de mim,
Ai! Por que abocar-me assim?

Poema XXX

Amor veio em lidaram-nos estações
deste tímido crepúsculo abrolhava
deste medo presente jazeria -
De o primeiro amor amedrontar-nos.

Fomos amantes sérios. Amores idos
ativeram-se doçuras destas horas;
Ó bem-vinda ao passado
da maneira qual o vivenciaram.

Poema XXXI

Fora de Donnycarney

Morcego da árvore voa a outra árvore,
meu amor e eu unidos percorreremos;
destas meigas palavras diziam-me.

Junte-se a nós vento do estio
siga-nos murmurando, próspero! –
O hálito mais macio deste estio
é o beijo dela a mim concedido.

Poema XXXII

Choveu durante o longo do dia.
surgido das árvores frondosas:
No horizonte, graúdas folhas
jazidas destas reminiscências.

Se parecem ser
memórias desta gente deveria
lembrar-se. Venha, minha querida,
posso eu contar-lhe ao coração.

Poema XXXIII

Cá, agora, na terra amarronzada
o amor fez-se de afetuosa música.
Nós dois de mãos dadas andamos
resignados nesta velha viagem
percorrido do amor era-nos alegres
para terminassemos assim.

O maroto em traje rubro amarelo
a açoitar, lacera esta árvore;
Em torno das nossas solidões
O vento fia a assobiar-nos.
As folhas – não suspiram ausências
do ano fizeram-se das resmas outonais.

Agora, nós não ouviremos nada mais
nem glosa e rondó!
Ainda beijaremos amada,
ao ausentar-nos do tristonho dia.
Não aflija-nos amada, por nada
o ano está eximindo-se.

Poema XXXIV

Durma já, durma cá
meu inquieto coração diz
a voz chora: "durma agora"
arranjo ressoa do meu coração.

A voz da aragem
ausculta-se desta porta
"Oh durma a almejar a primavera"-
está chorando: "Durma agora".

Meu beijo apascentará
aquietando este peito
Durma em paz agora.
Oh inquieto coração.

Poema XXXV

Ao longo do dia ouço o marulho
Gemendo
Tristonho o mar parecido
solitário pássaro ido.
Ouço brisas sussurrarem d'águas
da monotonia.

Ventos cinzentos soprando gélidos
por aonde irei?
Ouço marulho das muitas ebriedades
distantes tão longe.
Ao longe fluem noturnas durante o dia;
De lá e para cá.

Poema XXXVI

Eu ouço o exército passar pela terra,
trovejantes cavalos inundados espumando
de suas arrogantes armaduras negras,
das soltas rédeas vibram chicotes cocheiros.

Eles choram noturnos nomes da batalha:
No sono, tremo ouvir-lhes risadas distantes,
flamulas crepúsculares ofuscante dos sonhos,
a tinir tinir, qual numa bigorna meu peito.

Em triunfo meneiam difusos pêlos cinzentos:
dos mares saem gritando correndo pela costa.
Meu coração, não sabe por isso desespera-se?
Meu amor, meu amor, por que deixa-me só?